

Aragem do Sagrado

MARIA THEREZA TODESCHINI*

"- Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvores no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser + se viu -; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arrebitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão; determinaram - era o demo".

A familiaridade com as lutas, as armas, a religiosidade, e o homem assustado diante do inexplicável¹, sintetiza o sertão mítico de Guimarães, já nas primeiras linhas. O mistério fascina e causa medo, faz o homem sentir-se uma mera criatura². Deseja o mesmo poder dos deuses, e sua luta vai ser a busca deste poder³:

"Bem, mas o senhor dirã, deve de: e no começo - para pecados e artes, as pessoas - como por que foi que tanto emendado se começou? Ei, ei, aí todos esbarram" (p. 13):

Ele sente os seus limites e vai buscar a transcendência, o sobre-humano, aquilo que o elevará acima de uma criatura e que o fa-

*Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC.

rã descobrir o mistério da criação - o cosmogônico.

O fascínio do poder divino, a onipotência, ao mesmo tempo causa o pavor do invisível e desconhecido:

"Mas Deus é traiçoeiro! Ah! uma beleza de traiçoeiro — dá gosto! A força dele, quando quer — moço! me dá o medo pavor! Deus vem vindo; ninguém não vê". (p. 22):

Diante deste poder, o homem se apega às rezas, procura proteção e força: "a reza reganhei, com fervor" (p. 367).

O espaço em **Grande Sertão** não é homogêneo, há lugares especiais, fortes, isto é, sagrados. O local mais forte, e terrível por carregar todo o mistério, onde o sagrado se manifesta⁴, é a encruzilhada nas Veredas Mortas, onde Riobaldo faz o pacto. Este espaço relaciona-se com a Luz e tem caráter teofânico. Neste "centro", Riobaldo consegue todo o poder necessário para ser chefe jagunço: "sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que do poder do lugar." (p. 24). O espaço sagrado, onde o centro é o lugar dos deuses, quem está lá, tem o poder.

O rio divide o espaço natural e o sobrenatural, representa o limiar⁵, que separa uma margem da outra, a profana: margem direita, da sagrada: a esquerda. Antonio Candido já observou esta divisão, como sendo a margem direita, das relações normais, naturais — fastas; e a esquerda onde acontecem coisas sobrenaturais — nefastas. O rio representa o limiar, onde se faz a passagem do profano para o sagrado.

"E eu tinha medo. Medo em alma" (p. 28), para ser jagunço, Riobaldo teria que se revestir de coragem. Seu estado inicial é de medo. Por isso ele precisa passar por várias iniciações, que lhe irão conferir a característica fundamental do jagunço: a coragem. Conduzido por Diadorim, Riobaldo segue a trajetória que o levará à condição de chefe. Vai absorvendo todas as qualidades necessárias dos chefes mortos, que o fertilizam com energia guerreira. Ele, como último chefe, sintetiza todos aqueles que foram imolados — são vítimas de sacrifício. De Medeiro Vaz, ele recebe a fortaleza e religiosidade: "era solene de guardar o rosário na algibeira, se traçar o sinal-da-cruz e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas. Desde o começo, eu apreciei aquela for-

taleza de outro homem (p. 29); de Zé Bebelo, obtém a estratégia, o conhecimento das pessoas, o domínio das armas, a ação decisiva: "Zé Bebelo pegava no ar as pessoas", "Às vezes riscava com a ponta duma vara no chão, tudo representado. Ia organizando aquilo na cabeça", "Bem que eu desejava ter nascido como ele..." (p. 87), atirava e tanto com qualquer quilate de arma, sempre certa a pontaria" (p. 121); de Joca Ramiro, absorve o carisma, a religiosidade, e o domínio da natureza: "era mesmo assim sobre os homens, ele tinha uma luz, rei da natureza" (p. 36).

"Purguei a passagem do medo: grande vão eu atravessava" (p. 143): a travessia é a passagem que limpa o homem do medo, que lhe dá coragem⁶. Simboliza a superação de um estado natural, para um estado de consciência. Diadorim atua como seu arauto, aquele que anuncia a mudança de ser, o mestre que o conduz à verdade, e constantemente coloca-o em provação. Exerce forte atração sobre Riobaldo, por seu mistério, ser andrógino, que representa a "força", a luz da qual emana a vida, é o ser completo, que traz em si os opostos em unidade⁷. Ele ensina a Riobaldo a poesia da vida, integra-o na natureza. Abstrai o élan sobrenatural, que escapa aos olhos do profano: "Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim" (p. 24), "O cheiro agoura mal" (p. 192), "Triste, triste, um tiriri cantou. Alegre, para mim a peitica" (p. 196). A natureza é mítica, dela se apreende algo de misterioso, os sentidos são inesgotáveis. A experiência é espiritual. O homem e a natureza formam uma unidade dominante. O envolvimento se dá numa realidade religiosa e eterna⁸: Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a cigarinha, roxa, e a nfiça e a escova, amarelinhas... Isto — no Sarinhém. Cigarras dão bando. Debaixo de um tamarindo sombroso... Eh, frio!" (p. 25). A unidade do homem e natureza reflete o cosmos — organizado, diferente da desordem do caos. A integração de Riobaldo à natureza é que lhe possibilita a passagem do Liso.

Diadorim relaciona-se à água, elemento ao qual Riobaldo está ligado. "As águas simbolizam a soma das virtualidades, elas são 'fons et origo', o reservatório de todas as possibilidades de existência, elas precedem toda a forma e 'suportam' toda a criação"⁹.

Riobaldo lembra de Diadorim como "minha neblina", o sentido

é ambíguo, já que neblina é a difusão de elementos opostos, a água — elemento feminino, é o ar — elemento masculino¹⁰. O olhar de Diadorim está relacionado à água, ao rio verde, ao mesmo tempo, identifica-se com o conhecimento total. O olho tem a mesma conotação de limiar (também o rio), é o elemento de ligação entre o interno e o externo, entre o conhecido e o desconhecido.

As armas caracterizam o herói que as utiliza para destruir o inimigo. Representam o perigo interior do herói e seu estado de conflito. Simbolizam ainda funções e forças de espiritualização e sublimação¹¹. Riobaldo recebe pela primeira vez, das mãos de seu padrinho, as armas, portanto, a função deste é possibilitar-lhe o estado de jagunço. Depois é Joca Ramiro, que lhe confere outra, numa espécie de ritual: "Tatarana, pêlos bravos... Meu filho, você tem as marcas do conciso valente. Riobaldo... Riobaldo..." (p. 233), o tom de Joca Ramiro é de um mestre que sabe, que tem o conhecimento, e as palavras saem com religiosidade ritualística. O manejo das armas é o caminho da perfeição para Riobaldo. A luta, o exercício de sua força interior: "Que jagunço amolece, quando não padece" (p. 274), estas últimas palavras, também justificam o conflito do herói, mesmo depois de deixar a jagunçagem, depois de terminada a história, ele continua na luta interior — condição de jagunço.

O tempo no Grande Sertão não é homogêneo, linear, mas circular¹². O passado torna-se presente, a idéia do eterno retorno, da repetição das coisas: "Eu confiro com compadre meu Quelemém, o senhor sabe: a razão da crença mesma que tem — que por todo mal, que se faz, um dia se repaga, o exato" (p. 21). Quelemém exerce a função de um mestre, substituindo o mestre anterior (Diadorim), que ficou até que ele atingisse certo grau, que provou ter superado através de cumprida a tarefa, não transgredindo nenhuma lei do Sertão.

A fala de Riobaldo flui num tom sério, a ausência de humor denota a intenção sacralizadora. A voz do ouvinte não interfere, o narrador tece com vagar um mito. A trajetória do herói na "confraria" da jagunçagem obedece a iniciações e provas, até atingir o último degrau como iniciado — quando lhe é atribuído todo poder. Ele sintetiza todos os chefes passados. Sua gênese inicia no encontro com o menino. A travessia pelo rio São Francisco, que faz

conduzido por ele é sua primeira prova iniciatória. O menino tem um significado mágico do futuro e prenuncia uma metamorfose no ser¹³. Reveste-se de mistério e de coragem, conduz Riobaldo, fazendo-o passar por um rito iniciatório, pondo-lhe em prova a coragem. A primeira transformação acontece no nível interior: "eu não sentia nada. Só uma transformação, pesável. Muita coisa importante falta nome" (p. 102).

O fascínio pelo mistério acentua-se quando Riobaldo, tempos depois, ouve a canção de Siruiz¹⁴ na fazenda de seu padrinho Selo-rico Mendes, durante a estadia do bando de Joca Ramiro. A partir daí, seu destino de jagunço está definitivamente traçado, vai buscar sua realização através das veredas do sertão. O canto que ele ouviu vai ser lembrado com frequência, acendendo-lhe a magia a cada lembrança. Esta canção tem um forte significado mítico, ligou Riobaldo à jagunçagem, esta ficou para sempre relacionada ao lirismo interior do herói.

Busca inconscientemente um reencontro com o menino e fatalmente com a jagunçagem. Isto vai acontecer alguns anos depois, quando fogia, enjoado da conversação de Zê Bebelo. O destino fez com que Riobaldo retardasse sua saída da fazenda de Manoel Inácio, esperando o sinal da fogueira. Junto com outros jagunços, o menino, já o guerreiro Reinaldo, surge na soleira da porta¹⁵. O reconhecimento é mútuo: "Reinaldo - ele se chamava. Era o menino do Porto, já expliquei. E desde que ele apareceu, moço igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma" (p. 130).

Reinaldo introduz Riobaldo no bando, apresentando-o a Titão Passos. Ainda aquela noite, Reinaldo inicia seu trabalho de integrar o amigo na natureza: "Mas, melhor de todos - conforme Reinaldo disse - o que é o passarim mais bonito e engracadinho de rio-abaixo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-croa" (p. 134); "Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vãos e pousação" (p. 134). Diadorim tem uma face-luz e uma face-sombra, Riobaldo estranha que um jagunço guerreiro e brabo, tenha um lado extremamente terno e delicado, não consegue decifrar este mistério. A revelação do verda-

deiro nome de Reinaldo, mostra-lhe que foi o escolhido: "Mas havendo o ele querer que só eu soubesse, e que só eu esse nome verdadeiro pronunciasse. Entendi aquele valor". (p. 146)

Diadorim vai ser a constante provação de Riobaldo. A atração homossexual assemelha-se ao incesto, e seu controle vai fortalecer sua condição de herói mítico, que domina seus instintos, não transgredindo nenhuma lei do sertão — seu comportamento é exemplar.

Riobaldo dá mostras de sua pontaria certa, este domínio pelas armas, vai-lhe valer o apelido de Tatarana. O novo nome equivale a um novo batismo, a uma iniciação. Esta mudança se processa no nível social (não no ontológico), pois vai ser respeitado em meio aos jagunços.

Os atos "bárbaros" dos jagunços são justificados; na gênese, os deuses também tiveram que praticar violências para organizar o cosmos. Legitimam-se os atos dos jagunços, para conseguir a paz no sertão, que equivale à organização do cosmos. A série de provas iniciatórias por que passa, fortalece-o até a obtenção do poder total do ser. A atividade guerreira é um meio de conseguir a ordem original, repetindo o cosmogônico. As lutas que enfrenta representam também a luta interior do ser. Sob a chefia de Medeiro Vaz, o bando sofre a extenuação física, isto é necessário para a salvação da alma.

Após o pacto com o diabo, última iniciação de Riobaldo, a qual lhe reveste de todo o poder — transformação total do ser:

"Tudo agora reluzia com clareza, ocupando minhas idéias e tantas coisas passadas diversas eu inventava lembrança, de fatos esquecidos em muito remoto, neles eu topava outra razão". (p. 396)

"Aquele firme possança; assim permaneci, outro tempo, acendido. Eu leve, leve, feito de poder correr o mundo ao redor". (p. 404)

"Ao perante diante de minhas presenças, todos tinham mesmo de ser sinceros. Só nos olhos das pessoas é que eu procurava o macio interno delas". (p. 398)

"O medo nenhum: eu estava forro, glorial, assegurado, quem ia conseguir audácias para atirar em mim?". (p. 404)

Riobaldo encontra a pedra filosofal, que tem o poder alquímico da transformação do ser. A constatação da intenção de Guima-

rães Rosa sacralizar o jagunço, evidencia-se no tom sério assumido pelo narrador e na religiosidade com que apresenta os ritos iniciatórios.

Barthes define o mito como "purificação das coisas", fundamentando em natureza a eternidade, ora, o narrador faz exatamente isso, inocentando os atos jagunços, dando uma clareza de constatação¹⁶.

Os encontros com Diadorim são sempre acompanhados de uma hierofania, de um sinal sagrado: o aspecto insólito do menino, depois o portal que marca o reencontro. Nota-se o caráter hierofânico da entrada de Riobaldo no bando:

"Ele se chegou, eu do banco me levantei". (p. 129)

"Sei que deve ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram — isso no estado de tudo percebi. O menino me deu a mão". (p. 129)

"E ele sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo". (p. 129)

A mudança interna se faz sentir e a natureza participa, pois o homem forma com ela uma unidade:

Eu era alto, maior que eu mesmo (...) 'Você é o rei dos homens?' falei e ri. Rinchei, feito um cavalo bravo. (p. 130)

A apresentação que Diadorim faz de Riobaldo ao chefe do bando, inicia-o na jagunçagem, o clima é de um ritual religioso:

"Ele afiançou o meu valimento, para aquele mestre de cara redonda e bom parecer, que passava por arrieiro da tropa e se chamava Titão Passos". (p. 131)

Zé Bebelo antes de ir embora, passa a chefia a Riobaldo, num ritual com aposição de nome:

"Mas você é outro homem, você revira o sertão... Tu é terrível, que nem urubu branco...". (p. 409)

"O nome que ele me dava, era um nome, rebatismo desse nome". (p. 409)

Riobaldo desautoriza o ouvinte de qualquer julgamento, legitima a sua verdade, apresenta-a como sagrada:

"A qualquer narração dessas depõe em falso, por-

que o extenso de todo sofrido se escapole da memória. O senhor não esteve lá. O senhor não escutou, em cada anoitecer, a linguagem do canto da mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua idéia a minha tristeza quinhoã. Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo muito diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente?". (p. 375)

Quem pode relatar? Aquele que esteve lá.

"As coisas assim a gente não pega nem abarca. Ca-bem é no brilho da noite. Aragem do sagrado". (p. 394)

NOTAS

- ¹Eliade (p. 19) O Deus vivo: "não era o Deus dos filósofos, o Deus de Erasmo, por exemplo, não era uma idéia, uma noção abstrata, uma simples alegoria moral. Era pelo contrário, um PODER terrível, manifestado na 'cólera divina'".
- ²Idem (p. 19) "O homem tem o sentido de sua profunda nulidade, o sentimento de não ser mais que uma criatura".
- ³Idem (p. 21-22) O sagrado equivale ao poder, por isso o homem primitivo tende a viver o mais possível "em" o sagrado, ou em contato com objetos sagrados.
- ⁴Idem (p. 27) "Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. (...) Há portanto, um espaço sagrado, e por consequência 'forte', significativo".
- ⁵Idem (p. 141) "O limiar concretiza tanto a delimitação entre o 'fora' e o 'dentro', como a possibilidade de passagem de uma zona a outra (do profano ao sagrado)".
- ⁶Idem (p. 145-146) "O rito de passagem sempre se trata de uma iniciação, porque implica em uma mudança radical de regime ontológico e de estatuto social".
- ⁷Dicionário de Símbolos (p. 76-77).
- ⁸Eliade (p. 95) "Para o homem religioso, a natureza nunca é exclusivamente 'natural': está sempre carregada de um valor religioso".
- ⁹Idem (p. 105).
- ¹⁰Dicionário de Símbolos (p. 406).
- ¹¹Idem (p. 96).
- ¹²Eliade (p. 61) "O tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível (...) É um tempo ontológico por excelência: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda e não se esgota".

¹³Dicionário de Símbolos (p. 378).

¹⁴Idem (p. 399) O canto: "é uma imagem de conexão natural de todas as coisas, ao mesmo tempo comunicação, delação e exaltação dessa relação interna de tudo".

¹⁵Porta tem a mesma conotação de limiar.

¹⁶Barthes (p. 163).

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo, Ed. Difel, 1985.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo, Ed. Moraes, 1984.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Lisboa, Livros do Brasil.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 18ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.